

## O herói benfeitense do «Lusco-Fusco» que acabou a sua vida aventureira no Brasil

*Idalina da Conceição Gomes*

**N**ÃO são reais o nome do autor e da prefaciadora do romance *Lusco-Fusco*, cujas primeiras edições foram assinadas por Pablo la Noche, pois um e outro só existiram na efabulação do escritor Marcello Mathias, que foi diplomata, embaixador e ministro, antes de se aposentar - vive hoje na sua casa do Estoril, tão posto em sossego que não se sabe se continua a escrever.

Tão de perto ligado à Beira-Serra, de onde eram naturais seu Pai e sua Mãe e onde passou boa parte da sua infância - ainda tem casa na Benfeita -, o dr. Marcello Mathias, que começou a sua vida de advogado em Arganil, antes de passar pela Magistratura, até que se fixou na diplomacia. Como escritor, além do romance citado, publicou o livro de poemas *Doze Sonetos e uma Canção e Correspondência (Marcello Mathias/Salazar/1947/1968)*, assinalando-se que este último volume, para lá da personagem que entrou na História de Portugal, se destaca, em nossa opinião, pelo prefácio, que relata alguns interessantes episódios da carreira do então jovem diplomata, particularmente no Brasil, onde veio a encontrar o cenário que romanceou no *Lusco-Fusco*.

Trata-se de uma história que retrata a «vida e morte de um desconhecido» que, no fundo, foi um «peregrino» à maneira de Fernão Mendes Pinto - certamente que menos fabuloso e nem sempre comparado à maioria dos emigrantes que abandonam o torrão natal em busca de um lugar ao sol. A «prefaciadora» Ingborg Moacyr, que é também uma curiosa figura de ficção, define psicologicamente este português que palmilhou o mundo, atravessando as cidades mais cosmopolitas e as povoações mais desérticas, e foi morrer melancolicamente na mineira Barbacena: «de tez morena, estatura meã e uma barba cerrada onde já começavam a pratear alguns fios», outras informações emergem no decurso da história romanceada), audodidacta que passou pelo jornalismo

e, sem diploma, se revelou um talentoso professor de Latim (também falava francês).

Verdadeiro «bicho do mato», mal cumprimentava os colegas do Colégio do Marquês, em Barbacena: «Não sabia, ou talvez não queria, fazer amizades, nem tão-pouco estreitar relações; uma ou outra vez que o convidámos para um passeio, mesmo em domingos ou feriados, sempre se recusara com o pretexto de que necessitava preparar as prelecções». Aliás, a «prefaciadora» admitia que apenas por ela (Ingborg) manifestara «um pouco de simpatia», ao mesmo tempo que parecia rejeitar os seus patrícios da emigração: «Assim correram os meses, até que uma grave doença prostrou este homem estranho, sem parentes nem amigos. Levaram-no para o hospital e ali morreu».

Literariamente, foi um homem sem nome - «um desconhecido», mas não sem lugar de nascimento: adivinha-se que «era» da Benfeita porque o romance tem uma série de menções a determinados lugares e passos benfeitenses: há um sítio chamado «Bujo», que é com certeza a «Lomba do Bujo». Com efeito, o «Bujo» e a «Peneda Lisa», também referida, são lugares de nomes ainda familiares aos que viveram ou vivem na Benfeita, assim como há referências a pessoas que existiram ou talvez ainda sejam vivas, como um «Perna-de-pau», uma «Amélia do Forno» ou um «Xé do Acho». E o mesmo se dirá igualmente de terras circunvizinhas: enquanto Arganil é «Vila Longa», no romance, e «Valreu» pode ser Viseu.

Apesar desta raiz, *Lusco-Fusco* não se enquadra na ficção regional, considerando-se que o herói principal é um cosmopolita, como aqueles universalistas portugueses que optaram pela emigração ou para ela foram empurrados. É evidente, porém, que não devem ser estabelecidos paralelos com as intenções dos *Emigrantes* de Ferreira de Castro ou *Gente de Terceira Classe* de José Rodrigues Miguéis e/ou o *Diário de um emigrante* de Joaquim Paço d'Arcos, para arrolar apenas alguns dos nossos grandes ficcionistas que viveram as dores e os sonhos da emigração.

Fascinado pelo Brasil, o desconhecido que começa a sua aventura ao sair da Benfeita confessa: «A primeira vez que embarquei para o Brasil, levou-me ali a fascinação romântica que desde muito jovem me atraía para as Terras de Santa Cruz. Frequentemente, em pequeno, quando

os homens se reuniam ao pôr-do-Sol junto do largo da fonte, ou ouvira contar histórias emocionantes desse país imenso e tão cheio de mistério. Cada um dos que narravam essas histórias trouxera do Brasil imagens diferentes, mas tão coloridas todas, tão cheias de vida intensa e original, que a minha imaginação as reunia como um álbum que fosse para mim a antecipação do romance que eu desejaria viver na vida».

Mais adiante, falava-se da povoação natal do «herói» do *Lusco-Fusco*: «O largo da fonte era o centro da aldeia. Era lá que os rapazes, com um falso ar de à vontade, vinham namorar as cachopas, enquanto iam enchendo as bilhas e riam com gargalhadas forçadas em que se adivinhava a excitação desencadeada pela proximidade dos homens e pelas graçolas dos mais atrevidos». E a descrição da vida aldeã, com referências aos episódios à emigração: «Mas a grande aventura era o Brasil... Um descrevia Manaus, a Amazónia, os seringais, os rios vastos como mares, as piranhas devoradoras e mortais. Outro falava de S. Paulo, dos cafezais e das usinas, da siderurgia, do ferro»...). Havia também o que preferia a tudo o Rio de Janeiro, a baía da Guanabara, o Cristo do Corcovado, a elegância dengosa, a graça plena e tropical dos cariocas. Cada um conhecia um Brasil diferente e discutia o Brasil do outro para concluir pela superioridade do seu. Arrastavam as palavras, abrindo lentas as vogais, orgulhosos de afirmarem assim, com um sotaque abasileirado, a cor local do descritivo e a sua autenticidade».

O Brasil volta a ser referenciado quando o ex-padre Cristóvão ex-colega de seminário, também emigra: «Da amurada os passageiros gritavam, as últimas recomendações aos parentes e amigos que ficavam em terra», E é a chegada: «O barco chegara ao Rio pela manhã. A cidade estendia-se, num deboche de cores, pelas fraldas dos morros, que uma cerrada vegetação vestia de verde-escuro. (...) Por toda a baía, povoada de numerosas ilhas e ilhéus, o Sol punha uma alacridade pagã, como se nessa manhã se festejassem as bodas nupciais entre a terra e o mar».

Não obstante, a viagem fizera-o recuar no tempo: e se ele se tivesse tornado padre? «Levantar-me-ia com o nascer do Sol, para dizer a primeira missa. E como aquelas freguesias estão espalhadas pela serra, com tantas povoações e lugarejos como as contas de um rosário, eu partiria manhã cedo na minha moto, como o prior de Ribadalva, ou no

meu quatro-cavalos, como o pároco de Peneda, iria por toda a parte dizer missa»... Nas longas noites de inverno, conversaria com «o professor, o regedor e dois ou três dos meus vizinhos sobre as vicissitudes do tempo, a muita chuva ou a neve, ou a geada, os perpétuos problemas do amanhã da terra...»). Nas alturas abriríamos o pipo do vinho novo, para o bebermos à ceia com os torresmos do porco»...

Há outras indicações regionais que a gente da Beira-Serra entende muito bem, desde a citação do padre Albino, das *Carvalhas*. E até o «herói» principal do *Lusco-Fusco*, quando assume o nome de Pablo la Noche, como porteiro de um hotel lisbonense, vindo de Lisboa, há-de tornar-se amigo de um médico que de certo modo o influenciará, cujo nome é igualmente claro: Dr. Miguel *Alqueve*. De resto, o ex-padre Cristóvão, fulminado pela paixão por «Maria Moça», assumirá outro nome - o de «Frederico Albino». nomes fictícios de pessoas de carne, cada uma embalada nos seus próprios sonhos e angústias.

Aliás, «um desconhecido» que é alma e corpo do «herói» passa da sua condição de português ao pseudónimo de «Pablo la Noche» - porteiro, jornalista e episodicamente combatente na guerra civil espanhola - antes de ser «Jacob Avanel», nascido na Bulgária, judeu que mais tarde se naturalizaria francês e que dá ao «desconhecido» do *Lusco-Fusco* passaporte e dinheiro. Os antepassados deste «Avanel» haviam sido judeus portugueses e ele mesmo guardava as raízes: «a sua verdadeira língua materna era uma mistura do espanhol e do português renascentista».

E neste ponto faz-se um parêntesis: na introdução à *Correspondência* já assinalada, Marcello Mathias relata as suas impressões do Brasil, onde chegou em 1931, para desempenhar o posto de cônsul-adjunto de Portugal no Rio de Janeiro, dados que aparecem ficcionados, anos depois, no *Lusco-Fusco*. E cita ainda a participação que teve, como diplomata, com «uma comunidade de judeus que viviam principalmente em Salónica e alegavam a sua descendência portuguesa». Alguns deles obtiveram o passaporte português, mas a polícia inglesa descobriu que eles não sabiam falar português e se introduziram na Grã-Bretanha espionando a favor dos alemães. O jovem diplomata Marcello Mathias foi enviado à Grécia para deslindar o caso e propôs a naturalização daqueles que solictassem a cidadania

portuguesa. Ora, sabe-se que vários desses judeus, outrora portugueses, chegaram ao Brasil, onde há uma família Abravanel muito conhecida e que pela denominação sugere o «Avanel» do *Lusco-Fusco* (a origem dos Abravaneis está contada e documentada no livro de Alberto Dines, *O Baú de Abravanel*).

Para concluir, voltemos ao prefácio de Marcello Mathias, na *Correspondência*, onde se lê: «Quando no Verão partia de férias para a minha aldeia da Benfeita»... E é nessa mesma aldeia que começa o romance *Lusco-Fusco*: «Foi nas alturas do Bujo que o Diabo apareceu ao Perna-de-Pau. Este ia montadona égua russa e regressava da Relva Velha, onde fora pagar as reses que ajustara na feira do Montalto». E por aí adiante outras povoações que se aproximam da Benfeita e de outros lugares da Beira-Serra o aventureiro que andou por Ceca e Meca e olivais de Santarém, emigrante sem nome que acabou os seus dias na pacífica Barbacena e que mereceu um romance, pois há lances curiosíssimos na «vida e morte de um desconhecido», assinado por Pablo la Noche, por obra e graça de Marcello Mathias.